

CALVINO ENSINOU A EXPIAÇÃO LIMITADA?

*Leandro Antonio de Lima**

INTRODUÇÃO

A partir do desenvolvimento da doutrina da Expição na tradição reformada, que tem a ver com a obra da redenção realizada por Cristo através de sua morte na cruz, a pergunta “por quem Cristo morreu?” passou a ter cada vez mais importância¹. Devido ao entendimento de que o sacrifício de Cristo não apenas possibilita, mas realmente expia, ou seja, perdoa os pecados, a teologia reformada sustentou que Cristo morreu exclusivamente pelos pecados de seu povo. O fato é que os teólogos reformados começaram a pensar que a morte de Cristo não poderia realmente se estender a todos os homens sem exceção, pois isso implicaria na salvação de todos. O que a morte de Cristo poderia fazer por um Judas Iscariotes? Qual teria sido o benefício de Cristo derramar seu sangue por alguém que já estava no inferno quando Jesus morreu? Como diz Louis Berkhof, “a posição reformada é que Cristo morreu com o propósito de real e seguramente salvar os eleitos, e somente os eleitos. Isto equivale a dizer que Ele morreu com o propósito de salvar somente aqueles a quem Ele de fato aplica os benefícios da Sua obra redentora”².

A doutrina reformada da Expição Limitada é construída sobre a doutrina da Predestinação. A doutrina da Predestinação diz que Deus, desde toda a eternidade, tem escolhido para si um número certo e limitado de pessoas, as quais serão salvas, enquanto que tem preterido o restante que deverá pagar por seus próprios pecados. Essa idéia reflete consistentemente o ensino da *Confissão de Fé de Westminster*, a clássica confissão reformada, que delimita a eficácia da morte de Cristo aos eleitos de Deus:

O Senhor Jesus, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo, sacrifício que, pelo Eterno Espírito, ele ofereceu a Deus uma só vez, satisfaz plenamente à justiça de seu Pai, e, para todos aqueles que o Pai lhe deu, adquiriu não só a reconciliação, como também uma herança perdurável no Reino dos Céus.³

A posição da *Confissão de Fé de Westminster* por sua vez é correlata ao que havia sido desenvolvido no Sínodo de Dort (1619) na Holanda. Naquele concílio, formulou-se o sistema que até hoje é conhecido como “Os Cinco Pontos do Calvinismo”. São eles: Depravação Total, Eleição Incondicional, Expição Limitada, Graça Irresistível e

* O autor é ministro presbiteriano, graduado em teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição – SP, mestre em teologia (Teologia e História) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper – SP.

¹ No século XVII, a teologia escolástica protestante produziu extensas obras sobre a expiação. Uma das obras mais conhecidas foi a do puritano John Owen, que tratou extensivamente sobre a questão da expiação limitada. Ver: OWEN, John. **Por Quem Cristo Morreu?** São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986. Essa obra é uma versão simplificada e condensada do clássico “A Morte da Morte na Morte de Cristo” (1616-1684). Ver: GOOLD, William H. Ed. **The Works of John Owen**. Carlisle: The Banner Of Truth Trust, 1967. Vol X. Livro I.

² BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4ª. Edição. Campinas: Luz Para o Caminho, 1996, p. 395.

³ **Confissão de Fé de Westminster**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1991, VIII.V.

Perseverança dos Santos. Esses cinco pontos foram oficialmente reconhecidos a partir desse sínodo em resposta aos cinco pontos do arminianismo que são anteriores e afirmam exatamente o oposto⁴. Em relação à Expição Limitada, os teólogos do Sínodo de Dort fizeram questão de enfatizar que “a morte do Filho de Deus é a oferenda e a satisfação perfeita pelos pecados, e de uma virtude e dignidade infinitas, e totalmente suficiente como expiação dos pecados do mundo inteiro”⁵. Porém, ela não se estende eficazmente a todos os homens do mundo, conforme o sínodo explicitou:

Porque este foi o conselho absolutamente livre, a vontade misericordiosa e o propósito de Deus Pai: que a virtude vivificadora e salvadora da preciosa morte de seu Filho se estendesse a todos os predestinados, para, unicamente a eles, dotar da fé justificadora, e por isso mesmo levá-los infalivelmente à salvação; ou seja: Deus quis que Cristo, pelo sangue de sua cruz (com a qual firmou o Novo Pacto), salvasse eficazmente, de entre todos os povos, tribos, linhagens e línguas, a todos aqueles, e unicamente a aqueles, que desde a eternidade foram escolhidos para salvação, e que lhe foram dados pelo Pai”⁶.

Hoje, os cinco pontos do calvinismo, embora não resumam a teologia calvinista, são considerados essencialmente calvinistas. O nome “calvinista” vem, como todos sabem, do reformador João Calvino (1509-1564) que foi o grande sistematizador da Reforma Protestante, tendo produzido uma vasta obra teológica através de comentários da Sagrada Escritura, tratados teológicos, sermões e cartas. Sua obra magna, as *Institutas*, é geralmente considerada a maior obra teológica da Reforma Protestante e uma das mais importantes da história. João Calvino é considerado o Pai da Teologia Reformada, e todo o sistema reformado depende essencialmente dos ensinamentos do reformador de Genebra.

Porém, a questão que se tem levantado nos últimos tempos é se Calvino concordaria com todos os cinco pontos do calvinismo. Alguns calvinistas que, curiosamente, não aceitam todos os cinco pontos, especialmente o terceiro que se refere à Expição Limitada, têm afirmado que Calvino também não o aceitava. Se isso for verdade, então toda uma tradição de interpretação que se entende surgir em Calvino e passa historicamente por teólogos e pregadores como Turretini, Kuyper, Spurgeon, Bavinck, Hodge, Warfield, Berkhof, Lloyd-Jones, Packer, Sproul e pelas Confissões de Fé Reformadas, seria uma tradição distorcida. Como diz Paul Helm: “Nessa visão, depois da morte de Calvino a tradição é quebrada, e é substituída por outra, nominalmente Calvinista, mas que foi de fato um repúdio a muito do que Calvino estabeleceu”⁷. Assim, o calvinismo seria um repúdio ao próprio Calvino, e a Teologia Reformada teria causado um duro golpe à teologia do Reformador. Os escritores que têm causado mais polêmica em torno disso são: R. T. Kendall⁸, Strong⁹, Peterson¹⁰,

⁴ Os cinco pontos do arminianismo são: depravação parcial, eleição condicional, expiação ilimitada, graça resistível e possibilidade de perda da salvação.

⁵ **Os Cânones de Dort**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, [s.d], II.III.

⁶ *Ibid*, II.VIII.

⁷ HELM, Paul. **Calvin and the Calvinists**. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1982, p. 5. (Minha tradução).

⁸ KENDALL, R.T. A Modificação Puritana na Teologia de Calvino. Em **Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental**. Ed. W. Stanford Reid, trad. Vera Lúcia Kepler. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, 245-265. **Calvin and English Calvinism to 1649**. Carlisle, Cumbria: Paternoster, 1979, 1997.

Vance¹¹, Rolston III¹², Hodges¹³, Geisler¹⁴, Drummond¹⁵, Clifford¹⁶, Bense¹⁷, entre outros, os quais de maneiras variadas têm sustentado a fissura entre Calvino e seus sucessores, especialmente na questão da Expição Limitada.

I. VISÕES DIFERENTES SOBRE CALVINO

A primeira coisa que precisa ser dita é que Calvino não fala sobre “Expição Limitada” em seus escritos. Nem poderia falar; afinal esse conceito foi formulado posteriormente à sua morte. Nesse sentido, é preciso tomar muito cuidado para evitar o anacronismo. O objetivo aqui é buscar pistas que ajudem a entender o escopo da Expição no entendimento do reformador, primordialmente em sua compreensão do objetivo proposto por Deus para a expiação. Isso ajudará a ter uma posição confiável nesse debate. Mas antes é preciso tomar conhecimento do que os defensores do universalismo¹⁸ em Calvino têm a dizer.

A. O Calvino de Strong

O teólogo batista Augustus Hopkins Strong popularizou o conceito de que Calvino mudou de posição no que se refere à Expição quando chegou à maturidade teológica e cronológica. Falando sobre a questão da Ordem dos Decretos e atacando o Supralapsarismo que Strong atribui a Beza e aos hipercalvinistas, o teólogo batista declara: “Calvino, conquanto na primeira obra, Instituição Cristã, evita informações definidas sobre a sua posição a respeito da extensão da obra expiatória, contudo nas suas últimas, os Comentários, admite a teoria da expiação universal”¹⁹. O maior argumento de Strong sobre a Expição Universal em Calvino decorre de uma citação de um suposto comentário de Calvino em 1João 2.2 onde Calvino defenderia o universalismo²⁰. Porém, sérias dúvidas têm sido

⁹ STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática**. Editora Hagnos, 2003, Vol 2, p. 470.

¹⁰ PETERSON, Robert A. **Calvin and the Atonement**. Fearn, Ross-Shire: Mentor, 1999.

¹¹ VANCE, Laurence M. **The Other Side of Calvinism**. Pensacola: Vance Publications, 1999.

¹² ROLSTON, Holmes III. **John Calvin versus The Westminster Confession**. Richmond: John Knox Press, 1972.

¹³ HODGES, Zane C. Calvinism Ex Cathedra: A Review of John H. Gerstner’s Wrongly Dividing The Word of Truth: A Critique of Dispensationalism. **Journal of the Grace Evangelical Society**, Volume 4:2 (1991). Disponível em <http://www.faiithalone.orgjournal1991bCalvin.html.htm>. Consultado em 08/07/03.

¹⁴ GEISLER, Norman. **Eleitos, mas Livres**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

¹⁵ DRUMMOND, Lewis A. Resenha R. T. Kendall, Calvin and English Calvinism to 1649. **Review and Expositor** 78 (Sum 1981), 434.

¹⁶ CLIFFORD, Alan. **Calvin's Authentic Calvinism, A Clarification**. Norwich: Charenton Reformed Publishing, 1996.

¹⁷ BENSE, Walter F. Resenha R. T. Kendall, Calvin and English Calvinism to 1649. **Jornal of Ecumenical Studies** 19:1 (1982), 123-124.

¹⁸ O termo universalismo neste artigo não significa a salvação de todas as pessoas, mas a idéia de que a morte de Cristo foi em favor de todos os homens sem exceção.

¹⁹ STRONG, Augustus H. **Teologia Sistemática**. Vol 2, p. 470.

²⁰ Ibid. (Ver Inglês: **Systematic Theology**. Valley Forge: Judson Press, 1907, p. 778).

levantadas contra a integridade desse comentário²¹. A maior delas é que não são palavras de Calvino e sim do próprio Strong, uma vez que a citação do texto de Calvino é bem diferente dessa suposta citação de Strong²². Mas sobre essa base, Strong conclui:

Devemos dar a Calvino o crédito de modificar a sua doutrina com uma reflexão mais amadurecida na idade mais avançada. Muito do que é chamado de calvinismo teria sido repudiado pelo próprio Calvino até mesmo no começo de sua carreira e é, na verdade um exagero do seu ensino pelos seus sucessores mais escolásticos e menos religiosos²³.

Algo precisa ser dito aqui: evidentemente que um escritor amadurece ao longo de sua vida, e não há qualquer demérito nesse sentido, pois não se espera que alguém tenha uma teologia completa e fechada desde o início. Se isso aconteceu com Calvino, não desmerece seu gênio literário que começou muito cedo a produzir teologia. Mesmo que Calvino tivesse realmente mudado de posição em sua velhice a respeito da extensão da Expição Limitada, isso não testemunharia contra ele. O fato, porém, é que não há evidências de que isso realmente tenha acontecido. Além disso, este tipo de argumentação que supõe a mudança do Reformador visa muito mais causar um efeito psicológico do que apresentar um argumento substanciado.

B. O Calvino de Kendall

R. T. Kendall, em seu artigo “A Modificação Puritana da Teologia de Calvino”²⁴, que é uma síntese de seu livro *Calvin and English Calvinism to 1649* (Calvino e o Calvinismo Inglês até 1649), tem afirmado categoricamente que Calvino jamais defendeu a Expição Limitada, e que, ao contrário, poderia ser considerado um universalista. Kendall defende que o calvinismo puritano fez uma profunda modificação na teologia de Calvino, e que a Confissão de Fé de Westminster é fruto dessa profunda modificação que remonta a Teodoro Beza, sucessor de Calvino em Genebra. Na Inglaterra, segundo Kendall, o puritano William Perkins se encarregou de promover o desvio doutrinário que se estendeu a todo o movimento puritano. Joel Beeke diz que “de acordo com Kendall, a teologia de Westminster de 1640 representa um afastamento qualificado do calvinismo autêntico em uma variedade de doutrinas conectadas com a segurança, incluindo os decretos de Deus, o pacto da graça, a santificação, a expiação, o arrependimento e o papel da vontade humana na soteriologia”²⁵. Ou seja, a diferença entre Calvino e os calvinistas diz respeito a muito mais do que posições

²¹ Ver VANCE, L. M. *The Other Side of Calvinism*, p. 466-467

²² Ver CALVINO, João. *Commentary on the First Epistle of John*. Albany, OR: Books for the Ages, 1998. (1Jo 2.2).

²³ Ibid.

²⁴ KENDALL, R. T. A Modificação Puritana da Teologia de Calvino, p. 245-65. Esse ponto de vista de Kendall foi originalmente exposto em sua tese de doutorado na Universidade de Oxford em 1976 com o título *The Nature of Saving Faith from William Perkins (d. 1602) to the Westminster Assembly (1643-1649)*. Kendall tem expresso uma visão similar em *The Influence of Calvin and Calvinism upon the American Heritage* (Evangelical Library Annual Lecture, 1976) e John Cotton – First English Calvinist em *The Puritan Experiment in the New World*. Westminster Conference, 1976. Ver HELM, Paul. *Calvin and the Calvinists*, p. 05.

²⁵ BEEKE, Joel. Does Assurance Belong to the Essence of Faith. *Reformed Christian*, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/reformedchristian/BeekeAssurance.htm>; consultado em 07/07/03. (Minha tradução).

diferentes em uma doutrina apenas. Mas, a mola mestra para todos os demais supostos desvios no entendimento de Kendall é justamente a questão da expiação limitada, uma vez que é sobre esta doutrina que Kendall entende que Calvino constrói a questão da segurança da salvação.

Segundo Kendall, Calvino buscava a base da segurança da salvação em Cristo, ao passo que Beza e os puritanos apontavam para a obra da santificação²⁶. É nesse ponto que Kendall passa a falar sobre a questão da expiação limitada. Kendall afirma que Calvino não cria na expiação limitada, e justamente porque não cria, podia apontar Cristo para aqueles que desejavam ter a certeza da salvação. Kendall declara que Calvino “apontava Cristo às pessoas pela mesma razão que Beza não podia fazê-lo: a questão da extensão da expiação. Calvino lhes indicava diretamente a Cristo, porque Cristo morreu indiscriminadamente por todas as pessoas”²⁷. Assim, quando alguém tivesse dúvidas quanto à sua eleição, Kendall diz que Calvino lhes assegurava a eleição *em Cristo*. Segundo Kendall, Beza se distanciou de Calvino, e uma vez que passou a defender a expiação limitada, não poderia mais dizer para as pessoas que a certeza de sua salvação estava *em Cristo somente*. A lógica de Kendall é a seguinte: como dizer que alguém deve ter certeza de sua salvação por causa da morte de Cristo, se poderia ser que Cristo não tivesse morrido pela tal pessoa? Assim, Beza teria que apontar a questão da santificação como fruto da salvação. Para Kendall essa é a situação mais evidente em que se percebe que Beza e Calvino diferiam a respeito da extensão da expiação. Kendall cita Beza para comprovar sua idéia:

Agora, quando Satanás nos põe em dúvida sobre nossa eleição, nós não podemos procurar a resolução dela no eterno conselho de Deus, cuja majestade não podemos compreender, mas, ao contrário, devemos começar pela santificação que sentimos em nós mesmos²⁸.

Ele contrasta essas palavras com as de Calvino: “Se Pighius me pergunta como eu sei que sou eleito, eu respondo que Cristo para mim é mais do que mil testemunhos”²⁹. Assim, segundo Kendall, a segurança da salvação para Calvino estava no próprio Cristo, enquanto que para Beza estava na santificação.

Se Kendall está certo, como já foi dito, toda a teologia puritana que converge para a Confissão de Fé de Westminster deriva não de Calvino, mas de Beza. Kendall insiste que a Confissão de Fé de Westminster é bem pouco calvinista. Ele diz: “O pensamento de Calvino, exceto pelos decretos da predestinação, dificilmente é encontrado na Teologia de Westminster”³⁰. Kendall acha que Calvino e Armínio pensam iguais sobre expiação: “Armínio e Calvino têm em comum a crença de que Cristo morreu por todos”³¹.

Percebe-se que Kendall não está sugerindo apenas um desenvolvimento da teologia de Calvino por seus sucessores; na verdade, suas idéias procuram demonstrar que o

²⁶ Ibid, p. 248.

²⁷ Ver KENDALL, R. T. A Modificação Puritana da Teologia de Calvino, p. 253.

²⁸ BEZA, Theodore. **Briefe and Pithie**. Londres: Moptid and Mather, 1572, p. 36-37. Apud KENDALL, R. T. A Modificação Puritana da Teologia de Calvino, p. 253.

²⁹ CALVIN, John. **Concerning the Eternal Predestination of God**. Naperville: Allenson, 1965, p. 135. Apud KENDALL, R. T. A Modificação Puritana da Teologia de Calvino, p. 254.

³⁰ KENDALL, R. T. The Nature of Saving Faith from William Perkins (d. 1602) to the Westminster Assembly (1643-9). Apud HELM, Paul. **Calvin and the Calvinists**, p. 06. (Minha tradução).

³¹ Ibid, p. 32. (Minha tradução).

“Calvinismo, como normalmente é definido, não é um legítimo desenvolvimento de Calvino, mas uma distorção ou um rompimento”³². Kendall pensa que na questão da segurança da salvação, cuja base é a Expição Limitada, os sucessores de Calvino destruíram a obra do Reformador, e se tornaram legalistas. Nem é preciso dizer que ele deseja “retornar” a Calvino para encontrar base para defender a segurança da salvação baseada exclusivamente na fé em Cristo independente das obras, ou seja, que alguém é salvo por um mero assentimento intelectual, e sua base de certeza é esse assentimento, sem importar que tipo de vida tal pessoa tenha³³.

C. O Calvino de Antigos e Modernos

As idéias de Kendall na verdade não são originais. Parte delas já pode ser vista nas considerações do teólogo francês Moïse Amyraut (1596-1664) da Academia de Saumur, na França. A Academia de Saumur foi criada em 1598 pelo sínodo nacional da Igreja Reformada Francesa. Essa academia foi a maior propagadora da doutrina do *universalismo hipotético*. O historiador Justo González³⁴ diz que Amyraut foi o mais profundo e assíduo estudante de Calvino de seu tempo. O esforço de Amyraut foi o de colocar os ensinamentos de Calvino contra aqueles que se declaravam os mais estritos calvinistas. Segundo González, Amyraut rejeitou a doutrina da Expição Limitada e mostrou com abundância de citações que Calvino mesmo nunca havia sustentado aquela doutrina, mas que o contrário era verdadeiro³⁵. Louis Berkhof diz que Amyraut defendeu o “universalismo hipotético” numa tentativa de suavizar o rigor do calvinismo do Sínodo de Dort, mas que, na realidade, era uma espécie de expiação universal³⁶. O amiraldismo pode ser definido como “Universalismo Hipotético” no sentido de que Cristo realmente morreu por todos os homens, porém, somente os eleitos serão salvos. Ainda hoje existe uma espécie de “amiraldismo” no mundo. Geralmente está ligado aos que crêem em apenas quatro pontos do calvinismo. Matthew McMahon diz que o “universalismo hipotético é o sistema teológico de muitas igrejas do século 21 que o esposam como bandeira de sua visão da expiação de Jesus Cristo”³⁷. É uma espécie de Calvinismo³⁸ que crê na T.U.I.P. e não na T.U.L.I.P.³⁹, pois deixa de lado a Expição Limitada.

³² HELM, Paul. **Calvin and the Calvinists**, p. 32. (Minha tradução).

³³ Ver KENDALL, R. T. **Once Saved, Always Saved**. Chicago: Moody Press, 1983, p. 52-53. Apud ANGLADA, Paulo. *A Confissão de Fé de Westminster é Realmente Calvinista?*, p. 9.

³⁴ Ver GONZÁLEZ, Justo L. **A History of Christian Thought**. 2ª edição. Nashville: Abingdon Press, 1986. Vol. III, p. 289. Ver também MAcGIFERT, A. C. **Protestant Thought before Kant**. New York: Harper TorchBooks, 1961 (1991), p. 151-154. Ver também HODGE, A. A. **The Atonement**, p. 375ss.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ver BERKHOF, Louis. **História de las Doutrinas Cristinianas**. Edinburgo: El Estandarte de La Verdade, 1969, p. 243.

³⁷ McMAHON, Matthew. Amyraut and Hypothetical Universalism. **A Puritan's Mind**, 2003. Disponível em <http://www.apuritansmind.com/PuritanWorship/Amyraut%20Universalism.htm>. Consultado em 08/07/03. (Minha tradução).

³⁸ Lewis Sperry Chafer entende que não é necessário crer nos cinco pontos do calvinismo para ser um calvinista. Ele diz “é verdade que a doutrina da expiação limitada é um dos cinco pontos do calvinismo, mas nem todos que são classificados corretamente como calvinistas aceitam essa parte do sistema”. CHAFER, Lewis Sperry. *For Whom Did Christ Die?* In **Biblioteca Sacra**, October-December, 1980, p. 310. (Minha tradução).

Roger Olson segue os passos de Kendall e acredita que Beza e seus sucessores foram além de Calvino com relação à ordem dos decretos e os cinco pontos do calvinismo. Ele assevera que é “discutível se Calvino teria concordado com todos os cinco”⁴⁰. Sobre Expição Limitada ele declara:

Beza, assim como a maioria dos calvinistas, também deduziu a doutrina da expiação limitada – que Cristo morreu somente pelos eleitos e não pelos réprobos – a partir da doutrina da providência e dos decretos de eleição divinos. Essa dedução, embora lógica, não se encontra em Calvino⁴¹.

Até mesmo John Leith, expositor da teologia reformada, concorda com Kendall no sentido de que Beza fez uma “sistematização da teologia de Calvino que dificilmente pode ser considerada ‘o pensamento puro de Calvino’”⁴². Esse autor afirma ainda, concordando com Kendall, que Beza “extrapolou o pensamento de seu antecessor tanto na área da eclesiologia como da predestinação”⁴³. O curioso é que Leith pretende ser um grande expositor e defensor da teologia reformada, mas, nesse ponto, igualmente apenas segue o estudo de Kendall sem considerá-lo criteriosamente.

Norman Geisler, de formação dispensacionalista, em um recente livro sobre os cinco pontos do calvinismo, defendendo uma espécie de “calvinismo moderado”, também pressupõe que Calvino se posicionou a favor da expiação ilimitada⁴⁴. Ele concorda com as teses de Kendall e afirma: “Enquanto Calvino cria que os benefícios da expiação são aplicados somente a um grupo limitado (aqueles que crêem), ele sustentava que a extensão da expiação é ilimitada. Isto é, Cristo morreu pelos pecados da totalidade da raça humana”⁴⁵. Geisler dedica um apêndice inteiro de sua obra para demonstrar que Calvino defendia a expiação ilimitada, mas a maior parte de seus argumentos são semelhantes aos de Kendall, consistindo em analisar textos fora do contexto.

II. O SIGNIFICADO DA EXPIAÇÃO DE CRISTO EM CALVINO

Como se percebe, há um intenso debate sobre qual seria a verdadeira posição de Calvino a respeito da extensão da expiação. Uma vez que a maioria das posições advogadas acima deixa de demonstrar com elementos textuais de Calvino o que o reformador de fato pensava, nesse momento é preciso pesquisar os escritos de Calvino em busca de seus argumentos. A primeira coisa que é preciso demonstrar é que, no entendimento de Calvino, Cristo através de sua morte buscou uma remissão eficaz dos pecados dos eleitos, e, dessa forma, ele somente poderia ter morrido pelos eleitos.

³⁹ O acrônimo TULIP no inglês representa os cinco pontos do calvinismo. O “L” representa o terceiro ponto, a Expição Limitada (no inglês Limited Atonement). Os outros pontos são: “T” - Total Depravity; “U” - Unconditional Election; “I” - Irresistible Grace; “P” - Perseverance of the saints.

⁴⁰ OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã – 2000 Anos de Tradições e Reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 471.

⁴¹ Ibid, p. 468.

⁴² LEITH, John H. **A Tradição Reformada. A Tradição Reformada – Uma maneira de ser a comunidade Cristã**. São Paulo: Pendão Real, 1997, p. 212.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ GEISLER, Norman. **Eleitos, mas Livres**, p. 132.

⁴⁵ Ibid, p. 177.

A. A eficácia da expiação em Calvino

Calvino falou da expiação sempre a relacionando com sua própria eficácia, e jamais tratou dela como algo meramente provisória. Calvino descreve a obra de Cristo de forma consumada e não apenas provedora de graça. É uma obra objetiva e não potencial. É uma obra eficaz. Ele diz:

Esta é a nossa absolvição: que a culpa que nos mantinha sujeitos à pena foi transferida para a cabeça do filho de Deus. Pois se deve ter em mente, acima de tudo, esta permuta, para que não tremamos e estejamos ansiosos por toda a vida, como se ainda pairasse sobre nós a justa vingança de Deus, que o Filho de Deus transferiu para Si”⁴⁶.

Nossa culpa foi efetivamente transferida para Cristo quando ele morreu na cruz. Uma permuta, ou seja, uma troca *realmente* aconteceu: nossos pecados foram trocados pela justiça de Cristo. A culpa que acarreta a pena foi transferida para a cabeça de Jesus, e sobre nós ficou a sentença da absolvição. Isso deve nos conduzir à segurança, segundo Calvino, pois nos tornamos inocentes diante do tribunal de Deus. Nessa questão da culpa ser transferida para Cristo, Calvino é tão enfático que chega a dizer que nossos pecados foram literalmente transpostos para ele. Comentando sobre o texto de 1Pedro 2.24, que diz que Cristo carregou nossos pecados, o reformador diz:

Essa forma de falar é adequada para fixar a eficácia da morte de Cristo. Pois como sob a Lei, o pecador, para que pudesse ser livre da iniquidade, precisava ser substituído por uma vítima, assim Cristo tomou em si mesmo a maldição devida aos nossos pecados, para que pudesse expiá-los diante de Deus. E ele expressamente acrescenta “no madeiro”, porque ele não poderia oferecer uma expiação se não fosse na cruz. Pedro, entretanto, expressa muito bem a verdade de que a morte de Cristo foi um sacrifício para expiar nossos pecados; pois sendo pregado na cruz e oferecendo a si mesmo como uma vítima por nós, ele tomou sobre si mesmo nosso pecado e punição. Isaías, de quem Pedro tomou a substância dessa doutrina, emprega várias formas de expressão – que ele foi esmagado pela mão de Deus por nossos pecados, que ele foi ferido por nossas iniquidades, que ele foi afligido e quebrado por nossa causa, que o castigo de nossa paz estava sobre ele. Mas Pedro pretendeu estabelecer a mesma coisa com as palavras desse verso, que nós igualmente somos reconciliados com Deus nessa condição, porque Cristo fez a si mesmo diante do seu tribunal uma garantia e como um pecador por nós, ele sofreu a punição devida a nós⁴⁷.

Difícilmente Calvino poderia usar palavras mais exatas que denotassem a objetividade da obra de Cristo, do que as que usa nesse comentário. Cristo carregou nossos pecados literalmente, e isso indica a *eficácia* da morte de Cristo. O simples fato de ele dizer que é uma morte eficaz já é suficiente para perceber que não é um ato de apenas prover expiação. Cristo realmente expiou os pecados porque carregou os pecados sobre a cruz. Se ele carregou é porque nós não carregamos mais. O que decorre então é que, se ele tivesse feito isso por todos, Deus teria que absolver a todos. Ou então, todo o sofrimento de Cristo,

⁴⁶ CALVINO, João. **Institutas – Tratado da Religião Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. (2.16.5). (Ênfase acrescentada).

⁴⁷ CALVINO, João. **Commentary on the First Epistle of Peter**. Trad. John Owen. Albany, OR: Books for the Ages, 1998. (1Pe 2.24). (Ênfase acrescentada - Minha tradução).

o fato de ele ter sido afligido, quebrado e castigado teria sido em vão, pois não alcançaria o objetivo para o qual foi proposto.

Para Calvino, o sacrifício de Jesus é eficaz, ele realmente consegue o que pretende. Sua morte é objetivamente nossa reconciliação com Deus, pois seu sacrifício apazigua a ira de Deus: “Reconciliação não tem lugar senão onde uma ofensa a tenha precedido. O sentido, portanto, é: Deus, para Quem éramos abomináveis por causa do pecado, foi aplacado pela morte de Seu Filho, para que nos seja propício”⁴⁸. Não há dúvida: o seu sacrifício efetivamente, objetivamente e eficazmente aplaca a ira de Deus. Se Deus foi aplacado pelo sacrifício de Cristo, o pecador não o encontrará irado. Por essa razão, o sacrifício de Cristo só pode ter sido realizado pelos que são verdadeiramente salvos, pois aplaca a ira de Deus: “O sacrifício de expiação, porém, é aquele que tem o propósito de aplacar a ira de Deus, satisfazer-lhe ao juízo e assim abluir e absterger (sic) os pecados, para que o pecador, expurgado de suas sordícies (sic) e restituído à pureza da justiça, retorne ao favor com o próprio Deus”⁴⁹.

Segundo Calvino, o sacrifício de Jesus nos compra para Deus, conforme Calvino declara em seu comentário de Tito 2.14: “Eis aqui outra fonte de exortação, baseada no propósito ou efeito da morte de Cristo. Ele se ofereceu em nosso lugar para que fôssemos redimidos da escravidão do pecado, e adquiriu-nos para si mesmo a fim de sermos sua possessão”⁵⁰. Como Cristo poderia ter comprado com sua morte aqueles que não pertencem e nem pertencerão a ele? Como poderia ter comprado aqueles que inclusive já estavam no Inferno antes de sua vinda? Teria o sangue de Cristo comprado Judas Iscariotes? Será que Calvino, caso defendesse o universalismo, não entenderia as implicações de sua teologia?

Helm conclui sobre a exposição de Calvino que:

Qualquer que seja o escopo da morte de Cristo, foi uma satisfação pelos pecados. Em lugar nenhum em Calvino há a sugestão de que a morte de Cristo meramente possibilitou para todos, ou que alguma posterior ação de Cristo, em adição à sua morte, foi necessária. Pelo contrário, Cristo efetuou redenção por sua morte. Ele tomou sobre si e sofreu a punição, ele apaziguou a ira de Deus. Se essas expressões significam alguma coisa, elas significam que a justiça divina foi satisfeita por aqueles que a morte de Cristo beneficia, quem quer que eles sejam⁵¹.

À luz do texto de Calvino, esta é a conclusão a que realmente se chega. Cristo objetivamente buscou redenção na cruz para aqueles por quem ele morreu.

B. O relacionamento entre eleição e expiação em Calvino

A. A. Hodge está certo em afirmar que os reformadores não tiveram tempo para se preocupar com todos os detalhes de seu sistema teológico⁵². Essa talvez seja a razão porque não se vê Calvino definindo com precisão seu pensamento sobre a extensão da Expiação. Mas, como Hodge bem observa, “o espírito do sistema de Calvino foi como um todo diretamente caracterizado pela sujeição da Redenção à Eleição como um meio para um

⁴⁸ CALVINO, João. **Institutas** 2.17.3.

⁴⁹ Ibid, 4.18.13.

⁵⁰ CALVINO, João. **As Pastorais**. Trad. Valter Graciano Martins. São Bernardo do Campo: Edições Parákletos, 1998, p. 338 (Tt 2.14).

⁵¹ HELM, Paul. **Calvin and the Calvinists**, p. 16. (Minha tradução).

⁵² HODGE, A. A. **The Atonement**, p. 374. (Minha tradução).

fim”⁵³. Esse talvez seja o maior argumento em favor do escopo limitado da expiação em Calvino. É estranho pensar que ele acreditasse realmente em dois escopos, um para a eleição e outro para a expiação.

Calvino deixa muito clara essa ligação entre a Redenção e a Eleição nas *Institutas*, quando fala sobre a justiça da fé no sacrifício de Jesus que nos reconcilia com Deus. Ele diz:

E grande peso tem o termo propiciação, pois que Deus, de certa maneira inefável, no mesmo tempo em que nos amava, era-nos, entretanto, simultaneamente infenso (sic), até que foi reconciliado em Cristo (...) A explicação desse mistério deve ser buscada do primeiro capítulo aos Efésios, onde Paulo, depois que ensinou havermos nós sido eleitos em Cristo, acrescenta, ao mesmo tempo, que no mesmo Cristo havemos nós recebido o divino favor⁵⁴.

Calvino diz que Efésios 1 explica porque Deus realizou a expiação. Nesse texto, Paulo fala da eleição soberana de Deus. A propiciação foi realizada para cumprir os planos divinos concernentes à eleição. Portanto, a expiação está de fato subordinada à eleição. Nessa mesma seção Calvino pergunta retoricamente: “Como começou Deus a abraçar com Seu favor aqueles a quem havia amado antes de criado o mundo, senão em que revelou o Seu amor quando foi reconciliado pelo sangue de Cristo?”⁵⁵ Nessa passagem, eleição e expiação são coisas totalmente interligadas. A expiação demonstra e se fundamenta no amor da eleição. Deus demonstra seu amor pelos eleitos no fato de que Cristo morreu por eles. Por essa razão, Calvino diz que Jesus havia sido destinado desde a eternidade a morrer pelos pecados: “Concluimos que no eterno desígnio de Deus, foi Ele destinado a purgar as imundícies dos homens, pois que derramar sangue é sinal de expiação”⁵⁶. Deduz-se que ele esteja falando dos pecados dos eleitos, cuja redenção o sangue de Cristo assegura, pois Cristo foi destinado a morrer no “eterno desígnio de Deus”, e isso sempre tem algum relacionamento com a eleição. Se Calvino conclui que tanto a eleição como a morte de Cristo foram designadas desde toda a eternidade, por que razão pensaria haver divergência entre elas?

Expiação e eleição são coisas intimamente ligadas. A expiação consoma a eleição. O favor do sacrifício de Cristo é apenas pelos eleitos. Sua morte nada produz nos réprobos, então, significa que não é eficaz neles, o que por sua vez conduz ao entendimento que não tinha a intenção de ser. A morte de Cristo é apenas para os filhos de Deus:

Cristo foi sim ordenado o Salvador do mundo todo, de modo que Ele pode salvar aqueles que foram dados a Ele pelo Pai do mundo todo, que Ele pode ser a vida eterna deles de quem Ele é o cabeça (...) Que a virtude e os benefícios de Cristo são estendidos e pertencem a ninguém exceto aos filhos de Deus⁵⁷.

Se a salvação operada pela aplicação dos benefícios da obra de Cristo vem somente para os filhos de Deus e para mais ninguém, como imaginar que Calvino esteja pensando na

⁵³ Ibid, p. 389. (Minha tradução).

⁵⁴ CALVINO, João. *Institutas*. 2.17.2.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Ibid, 2.12.4.

⁵⁷ CALVINO, João. “A Treatise on the Eternal Predestination of God”, p. 94. Apud HELM, Paul. *Calvin and the Calvinists*, p. 20. (Minha tradução).

morte de Cristo como sendo por alguém mais do que os filhos de Deus? A partir disso também se pode entender o que Calvino quer dizer quando diz que Jesus morreu pelo mundo e é o Salvador do mundo: ele morreu e é o Salvador dos eleitos de todo o mundo. Calvino tem palavras ainda mais claras para dizer o que pretende:

Pois nossa presente questão é, não o que o poder ou virtude de Cristo é, nem que eficácia tem em si mesmo, mas quem são aqueles que ele dá de si mesmo para serem participantes. Agora se a possessão de Cristo permanece na fé, e se fé flui do Espírito da adoção, segue-se que somente se encontra entre seus filhos aquele que Deus designou para ser um participante de Cristo. Necessariamente o evangelista João estabelece o ofício de Cristo em ser não outro que de “reunir juntos todos os filhos de Deus” por Sua morte. *Do que nós concluimos que, embora reconciliação é oferecida a todos os homens através dele, ainda assim, o grande benefício pertence peculiarmente aos eleitos*⁵⁸.

Se a tarefa de Cristo é unir todos os filhos de Deus por sua morte, então, que sentido teria, nas palavras de Calvino, que Cristo tivesse morrido pelos perdidos? A única concessão que a morte de Cristo faz ao mundo é no sentido de que o Evangelho deve ser pregado em todo o mundo, mas não no sentido de que há realmente provisão de salvação para todo o mundo. A eleição é o suporte da Expição de Cristo. Considerar essas duas coisas como tendo escopos diferentes em Calvino é não fazer justiça ao ensino consistente do Reformador.

III. ANÁLISE DE TEXTOS SELECIONADOS

Evidentemente que uma análise extensiva da obra de Calvino não pode ser feita num trabalho como este⁵⁹. Será feita uma análise de apenas um extrato dos textos de Calvino.

A. Textos de Calvino “contra” a limitação da Expição

Um dos principais textos apontados como universalistas em Calvino é seu comentário de Mateus 20.28: “*Muitos* é usado, não para um número definido, mas para um amplo número, que Ele mesmo estabelece sobre e contra todos os outros, e este é seu significado também em Romanos 5.15, onde Paulo não está falando de uma parte da humanidade, mas da raça humana inteira”⁶⁰. A preocupação de Calvino aqui é evitar que se pense numa espécie de restrição à obra salvífica de Cristo, como se fosse indicada apenas para um povo. Ele não defende que Cristo tenha morrido por cada pessoa sem exceção, mas pela raça humana, e nesse sentido, está apenas enfatizando a suficiência desse sacrifício. Logo à frente, no mesmo comentário de Mateus, Calvino volta a bater na mesma tecla:

A palavra *muitos* não significa uma parte do mundo somente, mas a raça humana inteira: ele contrasta *muitos* com *um*, como se dissesse que ele não poderia ser o Redentor de um homem, mas poderia ir ao encontro da morte

⁵⁸ CALVINO, João. “A Treatise on the Eternal Predestination of God”, p. 94. Apud HELM, Paul. *Calvin and the Calvinists*, p. 22. (Ênfase acrescentada - Minha tradução).

⁵⁹ Para uma análise mais completa ver: LIMA, Leandro A. “Uma Defesa da Expição Definida em Calvino”. São Paulo: Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2003. (Dissertação de Mestrado não publicada).

⁶⁰ CALVINO, João. *Commentary on The Harmony of the Gospels*. Trad. William Pringle. Albany, OR: Books for the Ages, 1998. (Mt 20.28). (Minha tradução).

para livrar muitos de sua maldita culpa. Não há dúvidas que ao falar para uns poucos Cristo deseja fazer seu ensino disponível para um grande número. Ao mesmo tempo nós precisamos notar que em Lucas (dizendo *por vós*), ele se dirige a seus discípulos pelo nome e encoraja a fé individual para aplicar o derramar de seu sangue para benefício deles. Então quando formos para a mesa santa, não somente a idéia geral viria para nossas mentes de que o mundo é redimido pelo sangue de Cristo, mas também cada um poderia entender que seus próprios pecados são cobertos⁶¹.

A preocupação de Calvino nesse texto é não limitar a salvação a um povo apenas, mas estendê-la a todos os povos. Esta é no entendimento de Calvino a similaridade entre “muitos” e “todos”. Novamente ele faz questão de contrastar a diferença entre “uma parte do mundo” e a “raça humana inteira”, sendo que sua intenção primordial é fazer a graça de Jesus acessível “para um grande número”, e não restrita a um povo, como seria o caso do povo judeu. Mas Calvino não fala sobre cada pessoa sem exceção, o que nem seria possível, pois como já foi visto, ele define a expiação em termos de sua eficácia. Em sua atitude pastoral, Calvino deseja que os crentes pensem que a salvação é oferecida universalmente, ou seja, a todos sem exceção, mas que cada um deve olhar para si mesmo. Então, nesse ponto ele já está falando da limitação da extensão dessa expiação. Cada um deve saber que seus próprios pecados são cobertos, embora, isso seja *oferecido* ao mundo inteiro. Essa questão da oferta universal do evangelho é muito importante para Calvino e dominante em seu ensino sobre a morte de Cristo. De qualquer forma, Calvino limita o sacrifício por causa da fé individual que garante a “aplicação” do que o sangue derramado conquistou. Quando todos estes detalhes são considerados, esse texto *não* ensina a expiação universal.

Sem dúvida o mais debatido de todos os textos bíblicos no que se refere à extensão da expiação é João 3.16. Universalistas e calvinistas tratam o texto de forma bem diferente. Porém, os primeiros acreditam que Calvino concorda mais com eles:

Ambos os pontos são distintamente declarados para nós: isto é, que fé em Cristo traz vida para todos, e que Cristo trouxe vida, porque o Pai celestial ama a raça humana, e deseja que ela não pereça. (...) E ele tem empregado o termo universal *todo o que*, para convidar todos indiscriminadamente a participar da vida, e destruir toda desculpa dos incrédulos. Assim, também é importante o termo *Mundo*, que ele usa formalmente; pois embora nada seja encontrado no mundo que seja digno do favor de Deus, ainda assim ele demonstra estar favorável ao mundo inteiro, quando ele convida todos os homens sem exceção para a fé em Cristo que é nada mais que uma entrada para a vida. Lembrem-nos, por outro lado, que quando vida é prometida universalmente para *todo o que crê* em Cristo, ainda assim fé não é comum a todos. Pois Cristo é feito conhecido diante das vistas de todos, mas os eleitos somente são aqueles cujos olhos Deus abre, e que podem buscá-lo pela fé⁶².

Como Helm questiona: “Há alguma razão aqui para entender que Calvino ensina que Cristo morreu por todos os homens? Não parece! Na visão de Calvino, o uso das palavras ‘todos’ e ‘mundo’ nada fala-nos sobre a extensão da expiação”⁶³. Calvino entende a obra de

⁶¹ Ibid, (Mt 26.28). (Minha tradução).

⁶² CALVINO, João. **Commentary on The Gospel According to John**. (Jo 3.16). (Minha tradução).

⁶³ HELM, Paul. **Calvin and the Calvinists**, p. 45. (Minha tradução).

Deus em favor da “raça humana inteira” como sendo um benefício a ser “oferecido” para o mundo inteiro, mas que, não obstante, é eficaz apenas nos eleitos. A livre oferta do Evangelho não põe qualquer entrave à expiação limitada. Uma vez que não se sabe por quem Cristo morreu, como se poderia negligenciar a pregação para quem quer que seja? Calvino diz: ofereçam o Evangelho a todo mundo, mas entendam que somente os eleitos se converterão. Não há como negar, a limitação está na fé, porém, a fé, segundo Calvino, é dom de Deus para os eleitos, produzida pelo Espírito Santo, o qual age em conformidade com o escopo da morte de Cristo. Em João 3.16 Calvino não defende o universalismo. Por outro lado, é verdade que Calvino não tem o temor moderno de muitos calvinistas em admitir que nesse texto “mundo” é mundo mesmo. Deus amou ao mundo, e por essa razão *oferece* ao mundo toda uma salvação, embora, em última instância, essa salvação seja eficaz apenas nos que crêem. Evidentemente, se alguém perguntasse a Calvino quem são os que crêem, ele diria: os eleitos.

No comentário de Romanos 5.18 há mais um texto de Calvino que deve ser considerado: “Paulo torna a graça comum a todos os homens, não porque de fato e em verdade *se estenda* a todos, senão porque ela é *oferecida* a todos. Embora Cristo sofreu pelos pecados do mundo, e é oferecido pela munificência divina, sem distinção, a todos os homens, todavia nem todos o recebem”⁶⁴. Aqui, ele parece retomar o entendimento que já deixou claro em textos anteriores, ou seja, que a extensão da expiação é universal no sentido de que é oferecida a todos os homens, porém, se limita em eficácia, a qual apenas os que a recebem desfrutam. Esse é certamente um dos segredos para se entender a idéia universal do sacrifício de Cristo na visão de Calvino. Não é universal em seu propósito, mas apenas em sua oferta.

Um dos textos que mais parecem apontar o universalismo em Calvino é seu comentário de Colossenses 1.14. Calvino fala que todos os pecados do mundo foram expiados por Cristo:

Essa é nossa liberdade, essa nossa glória diante da morte – que nossos pecados não são imputados a nós. Ele diz que essa redenção foi providenciada através do sangue de Cristo, pois pelo sacrifício da sua morte todos os pecados do mundo têm sido expiados. Devemos, entretanto, ter em mente, que isso é tão somente o preço da reconciliação, e que todas as futilidades dos papistas quanto à satisfação são blasfêmias⁶⁵.

Mas então significa que todo mundo está automaticamente perdoado? É evidente que ele não defende um universalismo quanto à salvação, pois já declarou que somente os eleitos desfrutam dos benefícios dessa redenção. Se só os eleitos desfrutam dos benefícios dessa salvação, e se como já foi visto, a expiação de Cristo é objetiva, então só é possível entender essa declaração como expressando que todos os pecados dos salvos do mundo inteiro foram expiados por Cristo. Para perceber o quanto o contexto é importante para entender Calvino, é preciso considerar outra citação um pouco à frente neste mesmo comentário:

Ele fala do Pai, - que foi tornado propício às suas criaturas pelo sangue de Cristo. (...) *Quer sobre a terra, quer nos céus*. Se você está inclinado a entender isso como se referindo meramente a criaturas racionais, significará homens e anjos. Entretanto, não é um absurdo estender isso para todos sem exceção? (...) Alguém, poderia, sobre o pretexto do

⁶⁴ CALVINO, João. **Romanos**. (Rm 5.18).

⁶⁵ CALVINO, João. **Commentary on the Epistle to the Colossians**. Albany, OR: Books for the Ages, 1998. (Cl 1.14). (Minha tradução).

universalismo da expressão, levantar a questão em referência aos demônios, se Cristo fez a paz para eles também. Eu respondo: Não, nem igualmente com homens ímpios: embora eu confesso que há uma diferença, na medida em que o benefício da redenção é oferecido para os últimos, mas não para os primeiros⁶⁶.

Será que Calvino está realmente dizendo que Cristo morreu por todos os homens? Na verdade não. Mas está dizendo que o Evangelho deve ser oferecido a todos. Esse provavelmente é o texto que mais claramente demonstra esta tensão em Calvino entre o escopo da pregação do Evangelho e o escopo da morte de Cristo. Suas palavras devem ser analisadas cuidadosamente. Ele fala que o sangue de Cristo faz Deus ser propício para suas criaturas. Isto está em conformidade com o que já foi visto. Mas em que sentido deve ser entendido? Conforme o próprio Calvino diz, no sentido de que há uma oferta para todos. E aqui ele inclusive diz “para todos sem exceção”. Note-se que Calvino entende de universalismo, pois percebe a implicação dessa expressão, mas evidentemente ele está falando da “pregação do Evangelho”. E por isso, uma vez que surgiu o assunto de “fazer a paz”, ele diz que Cristo não fez a paz com os demônios e *nem com os homens ímpios*. Ou seja, Cristo não fez a paz com os homens perdidos assim como não fez a paz com os demônios. Ele não morreu pelos demônios, nem pelos homens ímpios, mas o Evangelho deve ser oferecido aos ímpios, ainda que não deva ser oferecido aos demônios. O universalismo de Calvino é apenas na oferta do Evangelho, mas não no objetivo da morte de Cristo. Essa passagem deixa isso bem claro. Acima de tudo, o que deve ser notado na passagem é que Calvino se viu obrigado a deixar os termos mais precisos. Vendo o risco de incorrer em universalismo ele fez questão de deixar claro que não estava falando disso. Ao lembrar que ele está escrevendo antes do Sínodo de Dort, é impossível não pensar que, se vivesse nos tempos da controvérsia arminiana, suas expressões seriam mais específicas como foram as expressões daquele Sínodo.

B. Textos de Calvino “a favor” da limitação da Expição

O primeiro texto a ser considerado é o texto em que Calvino mais claramente define o que ele quer dizer pela expressão “todos” em seus escritos. Isso ele faz no comentário de João 6.45:

E eles serão todos ensinados por Deus. A palavra *todos* precisa ser limitada aos eleitos, que somente são os verdadeiros filhos da Igreja. Não é difícil ver em que sentido Cristo aplica essa predição à situação presente. Isaías mostra que a Igreja é verdadeiramente edificada somente quando ela tem seus filhos ensinados por Deus. Cristo, portanto, justamente conclui que os homens não têm olhos para enxergar a luz da vida até que Deus lhes abra a visão. Mas, ao mesmo tempo, ele inclui na frase *todos*; porque ele argumenta a partir daí, que todos aqueles que são efetivamente ensinados por Deus são trazidos⁶⁷.

Algo parecido pode ser visto no mesmo comentário de João 12.32:

A palavra *todos*, que ele emprega, precisa ser entendida como se referindo aos filhos de Deus, que pertencem ao seu rebanho. Eu concordo com

⁶⁶ Ibid, (Cl 1.20). (Minha tradução).

⁶⁷ CALVINO, João. **Commentary on the Gospel According to John**. (Jo 6.45). (Minha tradução).

Crisóstomo, que diz que Cristo usou o termo universal, *todos*, porque a Igreja foi reunida igualmente de entre gentios e judeus⁶⁸.

Esses dois textos claramente definem e delimitam a palavra “todos” de Calvino em relação aos eleitos. Nesse sentido, aqui estão dois textos que podem ser claramente usados a favor de uma expiação limitada. Segundo Calvino, a palavra “todos” se refere a classes de homens, como gentios e judeus, ou seja, os eleitos *dentre* os gentios e os judeus.

Não é apenas nos comentários que se acha base para a defesa de um escopo limitado para a expiação em Calvino. As *Institutas* também demonstram isso:

Ele havia ordenado a Timóteo que as orações deviam ser regularmente oferecidas na igreja pelos reis e príncipes. Mas, como parecia algo absurdo que elas devessem ser oferecidas por uma classe de pessoas que estivesse quase sem esperança (todos eles não sendo somente alienados do corpo de Cristo, mas fazendo o máximo para destruir o seu reino), ele acrescenta que isso era aceitável a Deus, que deseja que todos sejam salvos. Por isto ele certamente quer dizer nada mais do que o caminho da salvação não está fechado para nenhuma pessoa; que, pelo contrário, ele havia manifestado a sua misericórdia de tal modo que não teria barrado ninguém dela⁶⁹.

A referência de Paulo aqui é justamente ao debatido comentário na primeira carta a Timóteo sobre o desejo de Deus de que todos os homens sejam salvos. Calvino trabalha com o contexto da afirmação que trata do dever de orar pelos reis e pelos que estão investidos de autoridade. O argumento de Calvino é que Paulo está dizendo que mesmo os reis e os governantes *podem* ser salvos, e, portanto, é preciso haver oração por eles. Novamente, Calvino tem em mente a extensão da oferta do Evangelho, a qual é universal. No entanto, se fosse universalista, teria perdido uma excelente ocasião para demonstrar seu ponto de vista, como também teria perdido em seu comentário direto do texto que nada fala sobre expiação ilimitada.

O texto fora dos comentários que deixa mais claro o entendimento de Calvino sobre por quem Cristo morreu é um trecho de seu tratado sobre a Santa Ceia, onde Calvino declara: “Como pode o ímpio beber o sangue de Cristo que não foi derramado para expiar os pecados dele, e a carne de Cristo, que não foi crucificada por ele?”⁷⁰. Calvino está tratando sobre quem deve e quem não deve participar da Santa Ceia. Sua opinião é que o “ímpio” não deve participar da Santa Ceia porque Jesus Cristo não derramou seu sangue e nem foi crucificado por ele. Os defensores do universalismo em Calvino se vêem em dificuldades com esse texto. Geisler diz que Calvino parece ter exagerado verbalmente seu ponto no calor da batalha contra a reivindicação herética de Heshunius de que mesmo o ímpio pode receber o benefício da comunhão⁷¹. Roger Nicole diz que Charles Bell e Curt Daniel tentaram explicar essa declaração como refletindo o ponto de vista dos incrédulos que não têm conhecimento da relevância para eles do sacrifício de Cristo, antes do que a própria posição de Calvino. Mas, dessa forma, o argumento contra Heshunius seria muito fraco, pois Calvino está argumentando que os incrédulos profanavam a Ceia do Senhor por deixar de discernir a realidade de Cristo em, com e sob os elementos naturais, tanto quanto a relevância universal

⁶⁸ Ibid, (Jo 12.32). (Minha tradução).

⁶⁹ CALVINO, João. **Institutas**. 2.24.16.

⁷⁰ CALVINO, João. **Selected Works**. Albany, OR: Books for the Ages, 1998, p. 477. (Minha tradução).

⁷¹ GEISLER, Norman. **Eleitos, mas Livres**, p. 182.

de sua obra de expiação⁷². Na verdade, essa passagem de Calvino contra o luterano Heshunius é ainda mais forte porque Heshunius, seguindo o luteranismo crê na expiação universal, e Calvino está claramente demonstrando que não concorda com ele. A afirmação de Calvino é clara: Cristo não derramou seu sangue pelos ímpios.

Propositalmente ficou para o final o texto mais claro de Calvino a respeito de seu entendimento sobre a extensão da Expição, que é seu comentário de 1João 2.2:

E não por nós somente. Ele acrescenta isso por motivo de amplificação, a fim de que o fiel possa ter certeza de que a expiação feita por Cristo estende-se a todos que pela fé abraçam o evangelho. Aqui, uma questão pode ser levantada: como podem os pecados do mundo inteiro terem sido expiados? Eu passo por alto os sonhos dos fanáticos, que sobre esse pretexto estendem a salvação para todos os réprobos, e até mesmo para Satanás. Uma coisa monstruosa como essa não necessita de refutação. Aqueles que buscam evitar esse absurdo têm dito que Cristo sofreu suficientemente pelo mundo inteiro, mas eficientemente somente pelos eleitos. Essa solução tem geralmente prevalecido nas escolas. Embora eu concorde que o que tem sido dito é verdadeiro, ainda assim eu nego que seja adequado a essa passagem; pois o desejo de João não foi outro senão tornar esse benefício comum à igreja inteira. Então, sobre a palavra *todos* ou inteiro, ele não inclui os réprobos, mas designa aqueles que creriam, assim como aqueles que estavam espalhados por várias partes do mundo. Pois, então, é na verdade evidente, que a graça de Cristo é declarada ser a única verdadeira salvação do mundo”.⁷³

Ao longo da discussão, esse texto de Calvino tem sido o mais debatido e talvez o mais conclusivo quanto à sua opinião sobre a extensão da expiação. Strong entendia que ele apontava para a opinião universalista de Calvino, mas Strong possuía uma citação espúria desse texto de Calvino, a qual com toda certeza não era original⁷⁴. É preciso entender cada declaração do reformador para chegar a uma conclusão satisfatória. Ele diz que a expressão do Apóstolo “e não por nós somente” tem a função de demonstrar que a extensão da expiação feita por Cristo estende-se realmente a todos que crêem no Evangelho. Antecipando a pergunta a respeito do universalismo, Calvino diz que os pecados do mundo inteiro não são realmente expiados. Nesse ponto é importante lembrar mais uma vez que o conceito de expiação em Calvino é o de uma obra eficaz. O que Jesus realizou na cruz não foi uma espécie de “provisão” de redenção, mas redenção de fato. Calvino entende perfeitamente que se Cristo efetuou essa redenção por todas as pessoas então todas seriam efetivamente salvas. Ele diz que a idéia de que o Senhor teria feito *expição pelos réprobos* é algo monstruoso e coisa de fanáticos, tanto quanto a idéia de que Cristo fez expiação por Satanás. Isso deixa bem claro que não passa por sua cabeça a idéia de que Cristo tenha morrido pelos réprobos. Em seguida ele faz menção da idéia escolástica de que Cristo sofreu *suficientemente* pelo mundo inteiro, mas *eficientemente* somente pelos eleitos. O que Calvino acha dessa idéia? Ele não acha que ela seja relacionada com o que João está tratando neste texto, porém, deixa claro que concorda que a afirmação é verdadeira. Se tudo o que foi

⁷² Ver NICOLE, Roger. John Calvin's View of the Extent of the Atonement. Disponível em: <http://www.apuritansmind.com/Arminianism/NicoleRogerCalvinsLimitedAtonement.htm>. Consultado em 08/07/03.

⁷³ CALVINO, João. **Commentary on the First Epistle of John**. (1Jo 2.2). (Minha tradução).

⁷⁴ Ver VANCE, Laurence M. **The Other Side of Calvinism**, p. 467.

visto nesse trabalho ainda não resolveu a questão, essa expressão terá que resolver. Ele está dizendo claramente que concorda com a formulação teológica de que Cristo morreu suficientemente pelo mundo inteiro (cada pessoa sem exceção), mas eficientemente pelos eleitos, ou seja, Calvino entende que a morte de Cristo é ilimitada no sentido de que tem virtude para salvar o mundo inteiro, mas que o propósito da mesma foi salvar especificamente os eleitos. Como diz A. A. Hodge, “uma declaração deliberada que limita o desígnio da morte de Cristo é melhor para definir o sentido do que um número de expressões vagas e indefinidas”⁷⁵. E aqui está uma declaração deliberada e clara. Ela vale mais do que qualquer outra declaração obscura ou duvidosa. Voltando ao texto, Calvino entende que a intenção de João ao usar a expressão “mundo inteiro” é tornar o benefício da morte de Cristo comum à igreja inteira. Nenhuma declaração poderia ser mais clara do que esta: “Então, sobre a palavra *todos* ou inteiro, ele não inclui os réprobos, mas designa aqueles que criam, assim como aqueles que estavam espalhados por várias partes do mundo”. Os réprobos não fazem parte do escopo da expiação de Cristo no entendimento de Calvino, e ao mesmo tempo ele ainda deixa claro que entende a expressão “mundo inteiro” como se referindo a “várias partes do mundo”. A essa altura fica muito difícil afirmar que Calvino sustentava uma expiação universal.

IV. CONCLUSÃO

A primeira conclusão que se chega é que Calvino não se preocupou em formular expressamente uma doutrina sobre a extensão da expiação pelo motivo de não ser algo que estivesse em evidência durante seus dias. Por essa razão, a fim de evitar o anacronismo, não é possível dizer que Calvino tenha defendido ou deixado de defender a doutrina da Expiação Limitada tal qual é conhecida hoje. Mas o fato é que Calvino fala sobre a extensão da expiação em seus escritos, ainda que não para formular expressamente a doutrina, pelo menos em conformidade e em resposta às necessidades teológicas e pastorais de sua época.

Quanto à tese de Kendall sobre o desvio que o calvinismo puritano, seguindo Beza, teria produzido na tradição reformada, afastando-se de Calvino, como diz Letham, “tem um grande número de fraquezas”⁷⁶. Kendall não trata Calvino adequadamente, pois sempre procura ler o reformador com seus óculos antinomistas. Kendall só tem ganho apoio daqueles que como ele defendem o antinomismo, ou daqueles que desejam achar alguma forma de criticar o calvinismo. Mas seus argumentos são falhos por não considerarem a obra de Calvino como um todo, e não fazem justiça ao contexto histórico do reformador de Genebra.

Há, no entanto, um sentido em que Calvino realmente diz que Cristo morreu por todo o mundo. É no sentido de que a salvação deve ser oferecida a todos os homens. Calvino fala bastante dessa questão do direito de todos os homens terem esperança da salvação, e do dever de pregar o Evangelho a todos sem distinção, pois a morte de Cristo conquistou isso também. Como já foi sinalizado, esta é sem dúvida a chave para entender as expressões universalistas que Calvino usa, sem precisar com isso incorrer numa expiação universal. Calvino repudia totalmente a idéia de limitar a oferta do Evangelho, e nesse sentido fala da morte de Cristo em termos universais.

A forte estrutura da teologia de Calvino em termos do propósito divino implica numa limitação da expiação. Parece estranho pensar que Calvino colocaria uma redenção

⁷⁵ HODGE, A. A. **The Atonement**, p. 390. (Minha tradução).

⁷⁶ LETHAM, Robert. *Faith and Assurance in Early Calvinism: A Model of Continuity and Diversity*, p. 357. (Minha tradução).

indefinida e hipotética, quando demonstra tão claramente que a salvação é limitada aos eleitos. Será que, caso fosse universalista, não perceberia que estava causando uma divisão dentro da obra da própria Trindade? Como poderia Cristo morrer pelos homens que o Pai não escolheu e que o Espírito não regeneraria? Essas distinções da obra da Trindade estão muito claras no texto de Calvino, mas ele não parece dividi-las em escopo.

Além disso, e esse argumento parte do pressuposto histórico, o que teria feito com que a teologia reformada mudasse tanto dentro de um espaço de apenas 50 anos? De Calvino para Dort são apenas 55 anos. Seriam os teólogos ingleses e holandeses tão ingênuos que não veriam a terrível modificação que Beza fez na teologia do célebre Calvino? Essa pressuposição denigre os calvinistas posteriores, pois lhes faz ignorar o pensamento de Calvino, ou denigre o próprio Calvino, pois faz com que o reformador não tivesse expressão suficiente, ao ponto de se tornar um “ilustre desconhecido”.

Agradecemos ao autor pelo envio do texto e pela permissão para publicação no Monergismo.com.